

Culturas Populares, brincar e conhecer-se

Soraia Chung Saura

“Conhece-te a ti mesmo”. Esta frase, base da filosofia socrática¹, esteve inscrita – dizem que em letras de ouro - na via de entrada do Oráculo de Delfos, um local frequentado, por muitas gerações, para o conhecimento do presente e do futuro. Dedicado a Apolo, deus da luz, do sol, da verdade e da profecia, o “Conhece-te a ti mesmo” tornou-se inspiração para a construção da filosofia platônica, sendo herança reflexiva até os dias de hoje.² Ele nos indicava um importante caminho: para conhecer a verdade e o futuro, comece por você mesmo.

Creio que o trabalho de campo do Projeto Território do Brincar, realizado com critério e profundidade nos locais onde esteve inserido³, intenta mostrar, entre tantos repertórios passíveis e possíveis da infância, a busca que realizam as crianças desta verdade e deste autoconhecimento, capaz de transformá-las em seu próprio Ser de Sujeito. Na verdade, isso buscamos todos de inúmeras formas, em jornada viva desde a infância: conhecer-nos mais e melhor e, assim, encontrarmos nosso lugar no mundo. Professores ou crianças, procuramos decifrar nossos próprios mistérios e enigmas, nossas emoções e sentimentos provocados no contato com o outro, as maravilhas e os assombros de nossas emoções, mente e corpo. Quiçá desvendar onde nosso ser se revela em potência e, assim, devolver essa potência ao mundo.

Ao olharmos para nossa brasilidade, revela-se nossa humanidade: somos um povo rico e diverso, reconhecidamente alegre e festivo, a despeito dos dissabores. Festas e manifestações populares espalham-se lindamente por todo território nacional, celebrando, sobretudo, o fato de estarmos vivos em um mundo repleto de mistérios insolúveis. Terrenos embandeirados, fogueiras descomunais, barraquinhas de comidas elaboradas, cantorias que atravessam noites, danças habilidosas, a visão de brilhos e luzes em noites enluradas e estreladas. Reis, rainhas, santos, bichos e monstros misturam-se animadamente em inumeráveis terrenos.

Embora muito heterogêneas, as culturas populares – não só no Brasil como no mundo e quaisquer que sejam - apresentam um arcabouço imaginal comum que facilmente identificamos na estrutura de todas elas. Isto porque, independentemente do meio

¹ Do filósofo grego Sócrates, 479-399 a.C.

² Este conhecimento é notadamente atrelado ao pensamento e à razão. Aqui, utilizamos a expressão para designar um tipo de saber que não dissocia mente e corpo, mas integra aspectos do inteligível e do sensível.

³ Considero o Projeto Território do Brincar extremamente cuidadoso na coleta de materiais de campo. O processo envolveu, a cada etapa, longos períodos de permanência junto às famílias e comunidades, estabelecendo vínculos profundos e imensa cumplicidade com as crianças.

onde estejam inseridas - ainda que dialoguem em profundidade com a realidade, o ambiente e a cultura local -, as manifestações operam com temas comuns à humanidade em geral.

São consideradas tradicionais por conta destas características atemporais. Tão antigas que não podemos precisá-las historicamente. Além de se perderem na história linear dos povos, não se localizam em uma geograficidade definida. Estão em muitos lugares, sob muitas diferentes formas, praticadas em inúmeras sociedades, ainda que com variações de regras, roupagens, formas e estilos.

As pesquisas nos levam ao início de uma humanidade que pensa e repensa suas relações com a natureza e sua simbologia, dialogando em profundidade com as questões fundamentais da consciência do homem, que a ciência ainda não conseguiu responder: “quem somos?”, “para onde vamos?”, “o que fazemos aqui?”. Assim, dizemos de um alicerce enraizado que não pertence a este ou àquele povo mas à humanidade em geral, por estar situado no legado de seu patrimônio imaginário.

A ideia de tradicional está recorrentemente associada à de preservação e ao antigo. Mas o que nos mostra o movimento dessas expressões culturais, é que este patrimônio biocultural não está aí para ser preservado a partir de sua existência longa. Quando se preserva, guarda-se, imobiliza-se, petrifica-se. Quer-se como está, e não de outra maneira. Ao contrário da ideia de imobilidade, a diversidade de possibilidades das festas nos mostra um universo dinâmico e ativo, em constantes mutações, recorrente, de forma não unificada e ainda a ser desvendado. Assim, a ideia de tradição sugere - mais do que a manutenção- a recriação, a ressignificação e a transformação. Traduzindo, mantendo-se seus elementos intrínsecos, as expressões populares podem ser realizadas em qualquer lugar, ainda que com variações do formato de sua origem.

A tradição é importante não para ser mantida, mas repetida, mesmo com variações. Enquanto exercício de aprofundamento. Explico: nosso encontro com o mesmo – de novo e de novo – é importante para a elaboração de questões latentes. Ainda que uma festa se repita anualmente, ela nunca será experienciada pelos participantes como a anterior. A festa pode ser a mesma, mas o mundo não é mais o mesmo, na medida em que eu não sou mais o mesmo.

Nas sociedades ocidentais, as festas das culturas populares são, a cada ano, mais valorizadas e reconhecidas. Trazem diferentes perspectivas para o mundo contemporâneo - festejar a vida, integrando a morte. Tudo, com poucos recursos, mas de maneira sublime, enfeitando o espaço e colorindo o mundo. Repetem-se anualmente para exercitarmos a temporalidade de maneira incorporada, e não externa à nossa existência.

O ano cíclico – onde voltamos ao mesmo ponto – mais velhos, mais sábios, tendo errado e acertado, nos faz experienciar um movimento de eterno retorno, para atuarmos com substancialidade e aprofundamento na matéria humana. Se todos os anos realizarmos, com profundidade, jogos, festas e rituais, os transformaremos em uma tradição. A tradição integra o tempo: todo ano, de novo e de novo. Assim é que as

festas e os jogos tornam-se orgânicos (importantes, como manter-se vivo) e carregados de sentido (dando significado à nossa existência).

“Conhece-te a ti mesmo” é premissa do exercício de repetição, do mesmo jogo, da mesma brincadeira, da mesma festa. Um bom exemplo são as imagens do Território do Brincar, seu registro minucioso de duas emblemáticas manifestações baianas: o Nego Fugido e as Caretas de Acupe. Não passa despercebido a quem assiste, o terror diante dos bichos e homens, expresso em olhos de crianças pequenas e ainda menores. Enrodilham-se apavoradas no pescoço de suas mães, tias e madrinhas. Choram com autenticidade comovente. Ainda assim, protegidas em braços familiares, anseiam olhar para o motivo de seu pavor. Mostram que medo e fascínio são confrades de uma mesma vivência, um nos atrai e o outro nos mantém apartados: têm medo, mas anseiam olhar. É um par correligionário no desafio humano da existência. Não-quero-mas-quero.

Crianças um pouco mais velhas já se imbuem de coragem e enfrentamento: ousam chegar mais perto e cutucar as feras, para logo depois correr em louca debandada. Haverá um dia em que se tornarão amigos de seus algozes, irão segurar-lhes a mão fascinadas, investigando suas roupagens e o que vai por dentro. E um dia, vestirão as fantasias monstruosas, aterrorizando outras crianças que poderão viver, deste modo, a superação de medos, pesadelos e dramas internos. A coragem e a valentia brotando do mais fundo do seu ser. O enfrentamento e o receio, propulsores aos quais estamos submetidos desde muito cedo.

Nunca é o mesmo aquele que, nas narrativas e dramas humanos - sejam eles literários, fantásticos ou reais -, enfrentou monstros e perigos e a eles sobreviveu. Espinosa já dizia que o não enfrentamento do medo é escravidão. Para Aristóteles, a virtude está no meio termo entre a fraqueza e o combate (CHAUI, 1995). Mas só com repetição, aprofundamento e crescimento podemos elaborá-los no corpo: vivendo-os. Experienciar uma manifestação apenas uma vez não é suficiente para acessar esse Território do Brincar que nos levará às entranhas do “Conhece-te a ti mesmo”.

Muito me agrada que as expressões populares adentrem os muros escolares, seja nas aulas de educação física, por meio da temática da cultura corporal do movimento, ou nos festejos juninos. Acho muito bonito que as crianças aprendam, anualmente, diversas danças de repertórios diferentes. Concordo que são uma graça, em força e beleza, os elementos estéticos das festas que invadem as quadras das escolas. Mas sinto um dissabor ao pensar que, muitas vezes, as crianças estão tendo contato apenas com elementos técnicos e cênicos das manifestações (aprender a tocar, cantar e dançar, por exemplo) deixando de lado o motivo principal – conhecer-se em forma e potência, desafiar-se, provocar-se e trabalhar-se ao longo dos anos com o que a manifestação oferece. Este me parece ser o principal aprendizado das manifestações e do brincar.

Foi o educador Tião Rocha quem disse: como se a escola, querendo mostrar aos seus alunos a imensidão e o impacto do azul do mar, trouxesse um pouco de água salgada em uma garrafinha pet. Muito se pode dizer do mar por meio de uma amostra de suas

águas. Mas nada se pode apreender da experiência e da vivência do mar. Assim, reitero: as festas das manifestações populares não estão no mundo para serem apenas apresentadas ou assistidas por uma plateia – embora isso seja muito belo e gratificante. Elas estão para serem vividas em todas as suas dimensões.

Mas como se faz para vivê-las em um contexto que não é o delas como, por exemplo, um grande centro urbano ou uma escola? São muitos os conteúdos contidos em cada manifestação popular. São tantos que parece impossível reproduzi-los em um contexto diferente de onde ela se origina. E se resolvermos fazer o Nego Fugido da Bahia? Reproduzir a festa das Caretas de Acupe? O Bumba-meu-boi do Maranhão? A Folia de Reis mineira? O Cavalo Marinho pernambucano? Cada uma possui seu repertório particular, com linguagens e conteúdos próprios. Mas todas elas atuam em tradição, demarcação cíclica e temporal, com envolvimento de toda a comunidade, sempre com elementos do sagrado, exploratórias de mistérios e encantarias da vida... além de serem muito, muito bonitas.

Às vezes, arriscamos fazer uma manifestação sem conhecê-la em profundidade, apenas nos familiarizando com seus passos de dança, estilo musical e cantoria. Mas se ano a ano a repetimos, ano a ano todos aprendemos. Ano a ano, um pouco mais. E de ano em ano, de festa em festa, de dança em dança, teremos uma tradição. E para todos que a vivenciam – o que inclui estudo, preparação, festa, jogo, brincar, reelaboração para de novo fazer, e assim por diante – o maior presente pode ser a profecia de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Cada ano, um pouco mais e melhor. Grafada em gloriosas letras douradas no ser que se digna a olhar de frente para ela.

Mensagem dada, não posso abandonar o texto sem antes mencionar o condutor principal da brincadeira, educador por excelência: o Mestre. Invariavelmente é uma pessoa mais velha - essa que sabe mais, porque viveu mais – o que já lhe garante autoridade e respeito na estrutura de uma tradição. Encontramos, mundo afora, tantos mestres quanto expressões populares. São muitos. E de tanto buscar compreender essa figura emblemática, este personagem-educador, já os considero um arquétipo-educador. Verdadeiros doutores da educação.⁴

Uma de suas características é a reconhecida autoridade, pois além de conduzir a brincadeira, são também uma liderança comunitária. Assim, são consultados não só a respeito do que se relaciona aos festejos, mas também a respeito das grandes decisões do coletivo onde estão inseridos. Sabem tudo das cantorias e rituais, e isto refere-se ao conteúdo pedagógico ou técnico – e de técnica, eles entendem. Na hora da festa, cantam, conduzem, organizam. São os primeiros a chegar, os últimos a sair, como professores comprometidos no cuidado com as crianças. Mas não é nos conteúdos, precisamente, que reside o seu saber. Chamam atenção, sobretudo, suas reconhecidas

⁴ Minha principal referência é o Mestre e amigo Tião Carvalho, que amplamente contribuiu com minha formação pessoal e indicou, mais tarde, caminhos principais da pesquisa de mestrado e doutorado, me levando a outros mestres e a conclusões acerca desse aprendizado afetivo-formativo. Tião é Mestre de Bumba-meu-boi, mentor da brincadeira em São Paulo, no Morro do Querosene, região oeste. Dirige, há aproximadamente 30 anos, o Centro de Estudo e Pesquisa em Danças Brasileiras Grupo Cupuaçu, responsável pelas festividades já tradicionais na região.

sensibilidade e intuição. Sabem decifrar enigmas dos dramas humanos. Inferem e arriscam. Mas, ousam dizer que o *modus operandi* dos mestres populares está sobretudo na generosidade de sua maestria – e esta inclui silêncio e paciência.

Estes mestres, tal e qual seu arquétipo, identificam potências no grupo de pessoas com os quais trabalham. E atuam em favor dessas capacidades. “É disso que você gosta? É isso que você quer?”, eles investigam. Sinalizam o caminho para o interior do educando por meio das potencialidades demonstradas, o que é diferente de mostrar o caminho a ser seguido, ou apenas ensinar um repertório.

O mestre vale-se do repertório técnico que tem nas mãos para atuar em favor da potência que enxerga no educando. Ele propicia um mergulho interno que gera maiores ou diferentes percepções do mundo. Está no incansável papel de ajudar o aprendiz a ser quem ele é. Isto se dá por meio da promoção de experiências corpóreas na brincadeira, que vão se tornando pouco a pouco mais e mais significativas.

Cada um pode vivenciar diferentes papéis dentro da narrativa, e ali se realiza um encontro. Não o encontro com o que não é, mas o encontro com o que se é, o seu Ser de Sujeito. Os mestres são uma boa referência para os educadores, pois na área pedagógica tendemos a trabalhar com a ausência, com a falta. Identificamos deficiências para logo tentar suprimi-las. Há inferência de melhorar no outro uma habilidade que este não tem, e para a qual muitas vezes o educando não demonstra sequer interesse. A atuação dos mestres, no entanto, será sempre em favor do potencial da pessoa: reforçando interesses, habilidades manifestas, encorajando mergulhos na sua força interna e motriz, atuando em favor da consciência desejante que se apresenta. As deficiências são sistematicamente ignoradas por ele.

O Mestre é assim o mais experiente, com sensibilidade para perceber as nuances de uma vida que desperta, independentemente da idade. Aprendizes somos todos. Ele abraça os processos de passagem, as preparações, os tempos individuais de cada um. Nunca tem pressa com o discípulo. A técnica – aprender a tocar, cantar, dançar, e tudo o que envolve o folguedo e sua vivência corporal - não é o principal. Ele está a serviço da revelação das potencialidades, e a partir disso, de seu aprofundamento e elaboração.⁵

Todos eles Mestres, quando indagados como fazem para ensinar, respondem invariavelmente que não ensinam:

“Não ensino. Faço junto. Não tem necessariamente o ensinar, você aprende muito mais vendo, estando junto, tocando junto, dançando, vivendo, estando junto.” (Depoimento de Tião Carvalho)⁶

⁵ Vale salientar que essas potencialidades não são únicas, nem estanques. Variam e modificam-se, podem ser múltiplas e sempre atreladas a aspectos relativos, como histórias de vida e outros fatores individuais da pessoa. Por isso, o saber do mestre é um saber de sensibilidade: muitas vezes o próprio aprendiz não reconhece em si sua potência.

⁶, Levando em conta que este é um depoimento comum dentre os mestres do saber popular: Não ensino, faço junto. Vale ressaltar que como Tião Carvalho, estes mestres formam inúmeras pessoas. Tião, por meio do Grupo Cupuaçu, forma educadores, artistas, dançarinos e interessados na arte e nas manifestações em geral.

Vivendo e estando junto. É isso que ele precisa para identificar potencialidades. Um saber do tempo e da sensibilidade.

Além disso, estar junto, viver junto, envolve a inserção em um sistema de valores que, nas manifestações populares, são antigos e consistentes. Respeitar os mais velhos, por exemplo, é algo inquestionável em culturas tradicionais. Desta maneira, toda técnica que envolve a realização do folguedo também está a serviço desses valores encarnados. São “valores novos, que na verdade são antigos, são novos para os seus olhos” (depoimento de Tião Carvalho). Assim deveriam ser os conteúdos pedagógicos: não tanto o motivo principal, mas o lugar que oferece o solo para que valores intrínsecos sejam exercitados e potencialidades, reveladas e exercitadas.

Através das inúmeras possibilidades de representação em uma brincadeira, crianças, jovens e adultos têm a oportunidade de participar como melhor lhes convier, com o que mais lhes agrada, dentro de uma estrutura dada – uma estrutura de personagens, festas e valores – participando de um modelo educacional centenário. As manifestações corporais apresentam conteúdos estéticos que não estão dissociados dos conteúdos éticos.

Na identificação, no encontro e no mergulho em suas potências e em valores tradicionais, o “Conhece-te a ti mesmo” apresenta-nos uma perspectiva de maturidade que não se relaciona tanto ao tempo vivido, mas ao resultado deste processo de autoconhecimento, que depende do esforço de um trabalho individual e permanente: melhora e me aprimoro ano a ano, seja brincando, dançando, jogando. Esse parece ser o principal papel do motivo lúdico.

“Conhece-te a ti mesmo”: essa estrutura de brincar sempre, anualmente, ciclicamente, permite a cada um acessar este território do brincar, que nada mais é do que esta terra humana à qual pertencemos. Estas práticas têm em comum o uso do corpo para algo maravilhoso, tradicional, persistente, atemporal, transformador e estruturante da pessoa. Reconhecemos, nas imagens do Território do Brincar, a potência do movimento e da pessoa humana e seu papel transformador e transgressor. A relação do brincar da criança e dos brincantes nas manifestações populares é direta.

“Conhece-te a ti mesmo”. Platão completaria, tempos depois mas muito antes de nós: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o mundo”.

Referências Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In A. Novaes (Coord.), *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAURA, Soraia Chung. Manifestações Populares e Práticas Educativas, dentro e fora da Escola. In *Rev Bras Educ Fís Esporte*, (São Paulo) 2013 Nov;27 Supl 7:27-36 • 27 (b)

SAURA Soraia Chung. *Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi* [tese doutorado]. São Paulo: Faculdade de Educação da USP; 2008.

SAURA, Soraia Chung. Sobre Bois e Bolas. In: SAURA, S.C; ZIMMERMANN, A.C. (org). *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Selo Pirata, 2014, v.1, p.165-188.